

FORMAÇÃO DOCENTE, SOCIEDADE/CULTURA DIGITAL E EDUCAÇÃO ANALÓGICA

Kesley Mariano da Silva¹

A incorporação e utilização de recursos tecnológicos às aulas não é uma novidade já faz um tempo. Contudo, com o surgimento da Pandemia do novo coronavírus (COVID-19), muitas de nossas ações, enquanto professores, precisaram ser revistas. Dentre as várias modalidades de ensino, a educação a distância, o ensino *on-line*, o ensino remoto, o ensino híbrido, entre tantos outros, passaram a fazer parte do nosso vocabulário. Vamos compreender um pouco sobre como isso tem sido implementado no Brasil.

O que essencialmente muda no ensino remoto com relação ao presencial é a forma de interação entre o professor e o estudante. Enquanto no formato presencial a oralidade, os gestos e demais impressões não verbais ganham espaço, no ensino remoto há uma exigência maior sobre o conteúdo escrito. Neste sentido, tanto o professor quanto o educando precisam ter maior atenção em relação àquilo que é escrito.

Ainda que durante as últimas décadas, a inclusão das mídias no processo educacional tenha ganhado cada vez mais espaço, nem todas elas são plenamente conhecidas e/ou dominadas pelos profissionais da educação ou mesmo pelos educandos, ou ainda adequadas pedagogicamente.

O processo de conhecimento, apropriação e domínio do uso de tais ferramentas é gradual e contínuo, exigindo disposição do aprendiz em cada etapa. Neste ambiente, professores e educandos se confundem, tendo em vista que, no tocante às habilidades relativas às tecnologias de comunicação, informação e formação, os envolvidos aprendem e ensinam quase que simultaneamente, o tempo todo de forma colaborativa. Por esta razão, vale ressaltar que os ambientes de ensino precisam estimular atividades que favoreçam o desenvolvimento de habilidades e competências que beneficiem a sociedade, independente da modalidade.

A educação *on-line* é compreendida como uma abordagem didático-pedagógica, portanto, ainda que o ensino remoto sirva-se de algumas de suas

¹ Graduação em Letras: Português/Inglês (UEG/2007); Graduação em Direito (UniMB/2009); Especialização em Docência do Ensino Superior (FINOM/2012); Especialização em Língua Portuguesa e Literatura (Faculdade ESEA/2020); Mestrado em Educação (UNESA/2016); Doutorado em Educação (UDS/2020).

concepções para fazer-se aplicável e eficaz, esta modalidade não compreende apenas o atendimento em caráter emergencial. Na verdade, aqui já se discutem questões como a cultura digital, a elaboração de conteúdos e o desenvolvimento de aprendizagens colaborativas e abertas.

Apesar de algumas pessoas já terem experiência com a educação a distância, o contexto pandêmico atual é diferente, sobretudo em relação às limitações e potencialidades que diferem do modelo a distância. Apesar dessas diferenças e limitações, é desejável que a educação *on-line* promova a reflexão e o desenvolvimento de habilidades e competências ligadas à educação tecnológica significativa.

A ONU reconheceu e declarou ser a *internet* um Direito Universal e o Brasil definiu seu Marco Civil da *Internet* por meio da Lei n.º 12.965/2014, entendendo “o direito de acesso à *internet* a TODOS”. Com base nestes institutos legais as políticas públicas passaram a caminhar na direção da inclusão digital e cibercultural. Há muito a ser feito, e a pandemia veio evidenciar fragilidades educacionais e “acelerar/antecipar” algumas ações capazes de resolvê-las.

A formação docente é um exemplo dessas práticas. Preparar o professor para lidar com as tecnologias não apenas como uma ferramenta distante, desvinculada do fazer pedagógico, mas como um instrumento à disposição do processo de ensino e aprendizagem, especialmente em formatos remotos e *on-line*. As noções de Ensino Híbrido são fortemente incentivadas neste contexto.

Ainda que muitos outros saberes sejam necessários para a formação de um profissional da educação, ações formativas que favoreçam, fortaleçam e instrumentalizem teórica e praticamente o profissional para o exercício da “docência *on-line*” já são uma realidade.

No tocante à educação a distância, esta possui definições e características bem determinadas, não sendo apenas a distância (temporal e espacial) entre o professor e o estudante o critério para sua configuração, mas também o uso das tecnologias para mediar este processo de ensino.

Os professores e os educandos não estão próximos fisicamente, mas estão conectados e interligados em suas ações de forma constante, tutorada e atenta, por meio das tecnologias, especialmente com o uso da *internet*. Esse fluxo é o ensino/aprendizagem possibilitado pelos diversos acessos e tipos de tecnologias

disponíveis: rádio, televisão, correio, vídeo, telefone, *smartphones*, *fac-simile* (fax), computadores, entre outros recursos síncronos ou assíncronos.

O ensino a distância (EAD) possui periodicidade, rotina e critérios de planejamento, execução e avaliação próprios. Neste sentido, diverge do Ensino Remoto, cujo caráter é temporário e emergencial. Outra característica importante na modalidade de ensino EAD é a possibilidade de encontros presenciais, que funcionam com orientações, momentos tira-dúvidas, avaliações e outras ações.

O ensino remoto, assim como no ensino presencial, conta com a realização da aula em tempo real, contudo, o primeiro é mediado pelas tecnologias que conectam o professor e o aluno por meio de transmissões ao vivo.

Devido à Pandemia do novo coronavírus (Sars-Cov-2) em meados do mês de março de 2020, muitas instituições de ensino públicas e privadas se viram diante de um grande desafio: garantir a realização de aulas por meio de metodologias e recursos tecnológicos até então não implementados – apropriadamente – na maioria das instituições brasileiras.

Salvo alguns cursos em formato EAD, que são outra modalidade de ensino, a transmissão ao vivo de aulas ou eventos educacionais ficava a cargo de poucas instituições, especialmente as que já contavam com equipe técnica e operacional capacitada para esta finalidade. Contudo, esta realidade impôs-se sobre a sociedade brasileira como um todo.

Ainda que algumas redes e instituições de ensino possuísem resistência a esta implantação massiva dos recursos tecnológicos como subsídio para realização das aulas, elas tiveram que se reinventar. No mesmo caminho seguiram os professores que, de um instante para o outro, tornaram-se profissionais mais conectados e tecnologicamente habilidosos no trato com o ensino. Muitos docentes tornaram-se roteiristas, produtores, editores de suas próprias videoaulas e outros materiais para que os educandos tivessem acesso ao melhor que pudessem dispor para seguir em seus estudos.

Mesmo assim, de uma forma geral, o ensino remoto não é muito diferente do presencial, com as especificidades próprias das linguagens que se modificam e da disponibilidade de recursos que não é a mesma para os estudantes nem para os professores. Assim, as atividades e ensinamentos passaram a contar muito mais com a oralidade e o uso de objetos virtuais de aprendizagem (OAs).

Os OAs (objetos de aprendizagem) ou ODAs (objetos digitais/virtuais de aprendizagem) são recursos não físicos que auxiliam os interlocutores educacionais a interagirem com os materiais necessários à leitura, pesquisa, produção de atividades e outras possibilidades. Vale ressaltar que, neste formato de ensino (remoto), o estudante precisa assumir um papel de protagonista de sua aprendizagem, tendo em vista que caberá ao professor, de fato, mediar e orientar o aprendiz distante física e temporalmente, e caberá a ele (educando) dedicar-se para o desenvolvimento de suas competências e habilidades.

Muitas das ferramentas tecnológicas destinadas à realização do ensino remoto que contam com a possibilidade de interação e comunicação em espaços próprios via *internet* são o *Zoom Meetings*, *Google Meet/Hangout*, *Skype*, *YouTube*, *Microsoft Teams*, *Webex* etc, além de salas de aulas virtuais (ambientes virtuais de aprendizagem) como o *Google Classroom*, que permite as transmissões ao vivo, a gravação e disponibilização dessas *lives*, incluindo-se ainda a hospedagem de atividades e materiais/recursos digitais de aprendizagem.

As ferramentas para realização de webconferências (reuniões *on-line*) já existem há algum tempo, mas especialmente no contexto da pandemia do novo coronavírus (COVID 19/ SARS-COV 2), esses recursos ganharam força e tiveram maior destaque.

Muitas são suas aplicações no dia a dia, podendo servir ao acompanhamento do trabalho em equipe, à realização de palestras, eventos e aulas *on-line*, ou ainda para conversar e/ou rever pessoas queridas e familiares que estejam distantes. São vários os aplicativos que podem auxiliar e facilitar a comunicação entre as pessoas.

Muitos destes aplicativos foram massivamente aprimorados durante a pandemia, tendo em vista a grande demanda de pessoas que precisavam e precisam comunicar-se a distância. Muitos de nós já estamos habituados a realizar videochamadas por meio de alguns deles, talvez sem mesmo perceber o potencial pedagógico que possuem. O *WhatsApp* e o *Telegram* são exemplos disso.

Entretanto, existem alguns aplicativos que foram desenvolvidos e adaptados especialmente ao fazer pedagógico, assim, contribuem mais efetivamente para a realização das reuniões, aulas, palestras e outras ações típicas do ambiente escolar. É desejável estudá-los e conhecê-los para a definição dos critérios mais adequados à seleção de um em detrimento de outro, em busca de instrumentalizar mais

adequadamente o profissional de educação, durante a condução/disponibilização de sua aula.

Definir apenas um modelo de ensino mediado pela tecnologia como mais apropriado seria arriscado, haja vista que cada modalidade possui espaços, tempos, finalidades/objetivos e públicos específicos.

Isso implica em refletir sobre quais dos instrumentos tecnológicos (plataformas, dispositivos, aplicativos) são mais adequados e adaptados a cada realidade, necessidade e contexto das instituições de ensino. Sobretudo, perceber que a diversidade de modalidades/métodos/abordagens de ensino – ligados ou não à tecnologia – possibilita escolhas pedagógicas, valorizando a interação entre os envolvidos na ação educativa.

Positivamente a sociedade em todo mundo está cada vez mais conectada em seus processos comunicativos, o que favoreceu emergencialmente as instituições de ensino com a não interrupção total do atendimento educacional. Tem sido possível notar que grande parte das escolas não estava preparada para essa organização educativa *on-line*. As instituições brasileiras estavam, e ainda estão, em processo de apropriação da cultura digital. Temos, então de um lado uma sociedade tecnológica e de outro uma educação ainda analógica.

Portanto, capacitar-se é fundamental não apenas para o contexto pandêmico do presente, mas para o futuro que, tendo sido acelerado, já se mostra promissor a uma presença cada vez maior dos recursos tecnológicos nos diversos espaços da educativos, quer sejam presenciais, remotos, EAD ou mesmo nos modelos híbridos de ensino.